



DEIXOU-NOS, MAS COM UM MUNDO MELHOR

Francisco Pedro Balsemão

Filho e CEO IMPRESA

Francisco Pinto Balsemão era e foi o nosso herói por todas estas razões. Acima de tudo, porque viveu uma vida íntegra e digna. Porque estava ciente, tal como os heróis da mitologia grega, do seu destino especial

Diz-se das crianças que o primeiro herói é o pai. Em nome da minha família, não tenho dúvida de que o nosso pai, avô, sogro e, no caso da minha mãe, marido, Francisco Pinto Balsemão foi e é o nosso herói.

Não uso a palavra herói de ânimo leve. Primeiro, porque estou ciente da sua excessiva carga emotiva; depois, porque trata-se de um lugar-comum, e se há algo de que ele não gostava era de lugares-comuns...

A palavra herói tem a sua etimologia na Grécia Antiga. Os heróis gregos situavam-se entre os deuses e os homens — não eram imortais como os deuses, mas também não eram simples mortais. E eram imperfeitos. Neste momento em que se celebra a vida de alguém que foi tão especial para nós, há que dizer que o nosso pai não era uma pessoa perfeita, até porque, diga-se, esse conceito não existe. Foi, sejamos claros, um pai e marido ausente. Não nos levava à escola de manhã e, em

casa, deve ter entrado duas vezes na cozinha, por engano. Mas se aqui estamos hoje, a sofrer tanto, porque partiu — e tantas vezes dissemos, para nos tentar iludir, que ele era eterno e este dia nunca chegaria — é porque o que ele fez por nós foi muito mais do que o que ficou por fazer. Foi transcendente: através do seu amor, dos seus valores e do seu exemplo, construiu uma família que tudo fará para manter e reforçar o seu legado.

De filho único, a prole de Francisco Pinto Balsemão multiplicou-se. Deixa 20 descendentes, entre filhos, netos e um bisneto, o Martim, que nasceu há uma semana. Entre estes, temos gestores, empreendedores, espíritos livres, futuros advogados, *designers*, astronautas em formação, delegados de turma, surfistas, pescadores, artistas, futebolistas, radialistas, grandes comunicadores e, felizmente, todos sportinguistas. Unidos, fortes, divertidos, como ele quis e à sua imagem. Com um sentido de humor muito próprio, gostamos de passar tempo juntos e não temos qualquer dúvida de que o nome Balsemão é sinónimo de valores, forjados ao longo dos 88 anos de vida de Francisco Pinto Balsemão, que são únicos e inquebrantáveis.

Um dos valores mais importantes é a exigência. Para o nosso pai, por termos, tal como ele, nascido em berço de ouro, tínhamos de fazer mais do que os outros. Somos uns privilegiados, dizia, e por isso temos a obrigação de «deixar o mundo melhor». Esta é uma frase que se tem ouvido e escrito muito nos últimos dias, mas já a conhecemos, na família, há décadas, e todos, sem exceção, seguimo-la fielmente. Outra frase que ouvíamos muito era «quem tem unhas toca guitarra», ou seja, temos de aproveitar as oportunidades que nos são

dadas — e, de preferência, sermos nós próprios a criá-las — e esforçarmo-nos mais do que os outros para as aproveitarmos.

Nunca desistir e nunca fugir. Os vencedores não são aqueles que nunca perdem, mas aqueles que nunca desistem, já dizia Banksy. Francisco Pinto Balsemão não era alguém que gostasse de rotinas e, por exemplo, no trabalho, dizia muitas vezes que do que mais gostava na Impresa era do facto de não haver dias iguais. Mas um dia também me confidenciou — em jeito de lição — que 50% do que fazia era uma chatice, por tratar demasiado de temas burocráticos. Não foi por isso que deixou de trabalhar menos. Eu que o saiba, porque nas nossas longas reuniões de terça-feira à tarde, que duravam mais de quatro horas, eu era normalmente o primeiro a quebrar... é algo que todos os que trabalhavam com ele poderão também confirmar, tendo em conta a profusão de *e-mails* que recebíamos, diretamente do seu iPad, muitas vezes a altas horas da madrugada, e que exigiam uma resposta em menos de 24 horas, sob pena de um segundo *e-mail* ameaçador.

Francisco Pinto Balsemão poderia ter, por várias vezes, virado costas à luta por aquilo em que acreditava. Na altura em que foi injustiçado pela classe política, apesar de ter contribuído tanto para a implantação da democracia em Portugal, no momento em que sentiu dificuldades económicas, ou até mais recentemente quando foi alvo, por mais do que uma vez, de ataques vis e cobardes por parte de quem queria vê-lo cair. Podia, na realidade, até nem ter começado a lutar pelos seus ideais, porque a sua família, de classe alta, tinha posses mais do que suficientes para ele poder viver de

heranças. Mas nunca o fez; e esse exemplo — o facto de querer deixar uma marca no mundo — é talvez o principal legado que nos deixa a todos, mas em particular aos seus netos e bisneto.

Outro dos valores que nos transmitiu, e que praticou abundantemente, foi o do humanismo, no sentido de colocar o ser humano no centro de tudo. Através da personalização, o seu enorme coração tocava em todos os outros. As mensagens que mandava de condolências quando morria um familiar de um trabalhador, os telefonemas de parabéns a um dos netos quando tinha uma boa nota numa prova ou os boleros que cantava à sua «Florzinha» — Tita, a sua mulher — são prova disso mesmo. A sua curiosidade inata fazia não só com que quisesse saber mais sobre tudo, mas também em conhecer intimamente as muitas pessoas com quem se cruzou na sua vida. Não bastava conversa de circunstância; era preciso sair, necessariamente, da espuma dos dias. Afinal, é isso que separa as pessoas medíocres, que falam sobre pessoas, das pessoas medianas, que falam sobre factos, das pessoas inteligentes — nas quais ele se incluía, claro — que falam sobre ideias.

E, no entanto, também nos ensinou que não nos devemos levar demasiado a sério. Somos um grão de areia num universo em que ele sabia não estarmos sozinhos. A nossa finitude, e o facto de a Humanidade ser algo tão recente na vasta escala do tempo, obriga-nos a não estar tão preocupados com o nosso umbigo. É, por isso, urgente aproveitar os pequenos prazeres da vida. Um bife tártaro com batatas fritas acompanhado de um copo de vinho branco gelado e de um pensativo cigarro, claro, mas também o canto dos passarinhos de ma-

nhã, e da coruja à noite, ou de uma tarde passada num museu de arte contemporânea, ou a ouvir Sokolov na Gulbenkian.

E é urgente rirmo-nos. De nós próprios e com os outros. Essa característica, o sentido de humor de Francisco Pinto Balsemão, com a qual muitos tiveram a sorte de privar, era ainda mais pronunciada em ambiente familiar. Desde as *private jokes* em que toda a família participava perante terceiros e em que só nós é que achávamos piada, até às partidas que fazia no último buraco do seu anual Torneio Balsemão, como a bola de golfe telecomandada, além dos petit noms que inventava e ficaram até hoje — como o dele próprio, Hugo, por ser «The Boss» —, estas são algumas das memórias que guardamos com mais ternura.

Francisco Pinto Balsemão era e foi o nosso herói por todas estas razões. Acima de tudo, porque viveu uma vida íntegra e digna. Porque estava ciente, tal como os heróis da mitologia grega, do seu destino especial. Nunca será, como uma vez escreveu, uma mera nota de rodapé na História, não só porque marcou a vida do nosso país como a vida de uma família que tanto orgulho tem nele e da qual ele tanto se orgulhava. Uma família que herdou esse destino especial: um amor, um exemplo e os nossos valores que praticaremos e que prometemos passar para as próximas gerações.

*Lido na missa de corpo presente,
no Mosteiro dos Jerónimos*



UMA VIDA CHEIA

ESCREVO O TEU NOME, LIBERDADE

*A vida, a carreira e as marcas deixadas
ao longo de meio século por Francisco Pinto
Balsemão, jornalista, patrão de imprensa,
político e homem de cultura*

Ao longo de 100 anos, só por três vezes um antigo jornalista foi primeiro-ministro de Portugal. Aconteceu em 1881 com Rodrigues Sampaio, em 1925 com João Chagas e, em 1980, com Francisco Pinto Balsemão. Falecido a 21 de Outubro, em Lisboa, aos 88 anos, contar o seu percurso é também percorrer a história do país nestes últimos 60 anos, do estertor do Estado Novo à alvorada em Abril, da consolidação da democracia à entrada na União Europeia.

O *Expresso*, que funda em 1973, nos últimos dias da ditadura, vem, também, carregado de simbolismo. Do seu núcleo fundador farão parte três futuros primeiros-ministros (além do próprio Balsemão, Sá Carneiro e António Guterres), um futuro presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa), bem como o único português a ter sido nomeado secretário-geral da ONU (Guterres).

Falando da forma crua que o caracterizava, Marques da Costa, chefe dos fotógrafos do *Diário Popular*, que ali encontrei em 1978 quando me iniciei nas lides jornalísticas, disse-me certa vez: «sabes, rapaz, o Balsemão nasceu com o rabo virado para a Lua.» De facto, no cômputo do deve e haver, das realizações e malogros de que são feitas as nossas vidas, o saldo pessoal é largamente positivo. Balsemão foi jornalista, renovando de alto a baixo o velho *Diário Popular* a partir de 1964, patrão de imprensa, criando o *Expresso* e mais tarde (1992) a primeira estação privada de TV, a SIC e o primeiro canal exclusivamente noticioso, a SIC Notícias (2001). No campo político, foi deputado à Assembleia Nacional a partir de 1969 (integrando um grupo dissidente da ditadura que ficou conhecido como Ala Liberal), fundador, em 1974, de um dos partidos centrais da democracia portuguesa, o PPD (mais tarde PSD), primeiro-ministro (1981/83), membro do Conselho de Estado, etc.

Uma longa marcha, globalmente bem-sucedida, mas não uma ode triunfal. Em 1970/71, um golpe montado pelos ultras do regime retirou à família Balsemão a maioria do capital da sociedade detentora do *Diário Popular*. Nas vésperas do 25 de Abril, o *Expresso*, cercado pelas imposições da censura (que atrasavam o fecho das edições e interferiam com a distribuição nacional do semanário), esteve à beira da falência. Na redacção desse mesmo *Expresso* haverá, pelo menos, três cisões: saída de Vicente Jorge Silva, Jorge Wemans, Teresa de Sousa e outros para fundar o *Público* (1989); êxodo do «eterno» director do *Expresso*, José António Saraiva e seu círculo de apoiantes para lançar o *Sol* (2006); sem esquecer a migração para a SIC em 1991/2 de bastantes

jornalistas e outros trabalhadores (Ricardo Costa, Paulo Camacho, Luis Marques, etc).

Já em tempos mais próximos (2010/15), houve uma tentativa frustrada de tomada do controlo accionista do grupo Impresa (SIC, *Expresso* e outros *media*) protagonizada por alguém que o fundador do *Expresso* via quase como um filho (Nuno Vasconcelos, mentor da empresa Ongoing e filho de Luís Vasconcelos amigo de longa data de Balsemão), acompanhada por uma campanha de difamação ajudada a montar por antigos elementos dos serviços secretos contratados para o efeito. E nas últimas semanas de Setembro deste ano começou a pôr-se com alguma acuidade a questão da abertura, ou não, do capital do grupo Impresa a novos parceiros.

Também a passagem pela política teve algo de montanha russa. Numa Aliança Democrática (coligação PPD, CDS, PPM e outros) órfã de Sá Carneiro (desaparecido em 1980 na queda de um avião), em 1981/83 a liderança de Balsemão ao longo de dois sucessivos governos (apoiados por maioria absoluta parlamentar) foi contestada, quer dentro do partido (através dos chamados barões, desde Eurico de Melo a Cavaco Silva, sem esquecer Santana Lopes e o próprio Marcelo Rebelo de Sousa), quer da coligação (com Freitas do Amaral, líder do CDS a considerar ser ele a escolha lógica para novo primeiro-ministro). Sistemáticamente, os apoiantes de Balsemão ganhavam as votações nos conselhos nacionais do partido, mas qual exército regular acossado pela guerrilha, as emboscadas e golpes de mão não demoravam a recomençar.

Num país empobrecido, à procura de um novo modelo económico, com as paixões políticas ainda

muito acesas, a passagem de Balsemão pela liderança do Governo teve uma espécie de momento Gorbachev: tal como o reformador soviético, no final do mandato era francamente mais popular fora do país. E isto porque, tendo apostado na dinamização das negociações de acesso à União Europeia (então CEE), a equipa que mobilizou para uma ronda pelas capitais europeias (1982 e que incluía o ministro das Finanças João Salgueiro ou o secretário da Integração Europeia José Luis Vilaça) deixou uma excelente impressão: todos, a começar pelo primeiro-ministro, sabiam estar, falavam bem línguas e conheciam os dossiês. Teria Balsemão dado um bom presidente da República?

Conselho da Revolução... e da Imprensa

Desta passagem pelo Governo fica uma herança mista. O primeiro impulso na direcção da adesão à CEE. Uma revisão constitucional negociada com um PS em situação de inferioridade política que altera a vertente económica, pondo termo à irreversibilidade das nacionalizações de 1975 e às regras de repartição de sectores entre público e privado. Consagra, ainda, o fim da tutela militar sobre as instituições extinguindo o Conselho da Revolução, cujas atribuições passam, em larga medida, para o Conselho de Estado. Neste processo, a comunicação social sai mais pobre, com a extinção de uma das grandes aquisições da primeira lei de imprensa em democracia remontando a 1975: o Conselho de Imprensa. Decalcado do Press Council britânico, era um órgão paritário (ao contrário da actual Alta Autoridade para a Comunicação Social que é um serviço estatal), com

representação de empresários e jornalistas, presidido por um magistrado e que anualmente reportava à Assembleia da República em matéria de propriedade dos *media*, ameaças à liberdade de informação, apreciando, ainda, queixas de instituições ou particulares. A verdade é que os partidos, a começar pelo PS e PSD, nunca morreram de amores pela independência do Conselho...

O que se pode garantir quando se olha para o legado global de Balsemão é que deixa uma marca importante na defesa da liberdade de informação e que procurou até aos seus últimos dias uma quase quadratura do círculo: conciliar as suas posições políticas, mais ao centro centro-direita que à esquerda (embora apoiando Soares contra Freitas em 1986 e demarcando-se, mais ou menos discretamente, do cavaquismo), com o respeito pela autonomia do trabalho jornalístico e pelo encorajamento da qualidade deste. O que é coerente, vindo de um empresário que se considerava — e com alguma razão — também um jornalista (possuiu até ao fim a carteira profissional n.º 16, suspensa pelo Sindicato dos Jornalistas durante o processo Anop mas recuperada em 2017).

Mais ainda: o percurso deste homem demonstra, se outras provas não houvesse, que não há nenhuma contradição entre situar-se politicamente no campo conservador e defender a liberdade de imprensa, a independência dos *media* relativamente ao poder político e económico e a rejeição de todo o tipo de censura. Querer um mundo melhor, como tanto acentuou nos últimos tempos de vida, passava pela rejeição do trumpismo (relativamente ao qual manifestava o mais total desprezo), das *fake news* e de todas as formas de manipulação e desinformação.

Costumava dizer, e reafirmou-o em entrevistas concedidas a Henrique Monteiro ou Clara Ferreira Alves no *Expresso*, que, nunca tendo tentado interferir no trabalho dos seus jornalistas, tinha, em contrapartida, acumulado ressentimentos e mal-entendidos com amigos e conhecidos, tanto da vida política como empresarial devido ao que era difundido pelos seus *media*. E, verdade seja dita, o grupo Impresa esteve episodicamente sem publicidade do BCP e quase um ano (2005/6) sem publicidade do BES por artigos e crónicas do *Expresso* terem, supostamente, indisposto alguém que se julgava todo-poderoso: Ricardo Salgado. Luís Marques que foi sucessivamente jornalista do *Expresso*, da SIC e administrador do grupo Impresa conta que, uma vez, tendo publicado um artigo que, embora devidamente fundamentado, tinha incomodado um importante empresário, no caso António Champallimaud, Balsemão o chamou apenas para lhe dar conta de que a referida figura lhe telefonara a protestar, concluindo que continuasse a fazer o seu trabalho.

O balanço da longa vida de Francisco Pinto Balsemão mostra que há mais patrões de imprensa para além do australiano Rupert Murdoch que pôs o seu império mediático (Fox News, tablóides britânicos e norte-americanos) ao serviço do Brexit ou da ascensão de Trump. Ou de Vincent Bolloré que na França dos nossos dias aplicou os milhões ganhos a fazer negócios com ditadores africanos na criação de uma nebulosa de *media* ultra reaccionários (estação televisiva C News, «Journal de Dimanche», editora Fayard). Ou não tivesse sido um dos amigos de primeira hora de Balsemão na área mediática Juan Luis Cebrian, fundador do diário *El País*.

Da faculdade ao *Diário Popular*

Nascido a 1 de Setembro de 1937, Francisco Pinto Balsemão formou-se em 1960 pela Faculdade de Direito de Lisboa, época durante a qual conheceu alguns dos amigos que o seguirão por toda a vida, de Francisco da Costa Reis e Luiz Vasconcelos (futuros administradores do *Expresso* e da SIC) a André Gonçalves Pereira que o acompanhará nas lides políticas no PPD. Não tem, até finais da década de 1950, actividade política relevante, ainda que, numa entrevista no *Expresso* dada a Clara Ferreira Alves, tenha contado que o espectáculo da polícia a bater em apoiantes de Humberto Delgado, candidato da oposição durante as eleições presidenciais de 1958, lhe tenha desagradado profundamente. Depois do serviço militar que cumprirá na Força Aérea, integrando o gabinete do secretário de Estado da Aeronáutica Kaulza de Arriaga, regressa à vida civil em 1962.

Passa fugazmente pela advocacia, mas 1964 será o ano das grandes mudanças: casa-se com Isabel Costa Lobo. Deste casamento, desfeito em 1970, nascerão os filhos mais velhos, Mónica (que trabalhará no *Expresso* como directora de Marketing) e Henrique. De uma ligação com Isabel Supico Pinto nasceria Francisco Maria em 1970. Do segundo casamento, em 1975, com Mercedes Presas (Tita) nasceriam Joana (1976) e Francisco Pedro (1980, actualmente CEO do grupo Impresa).

Em 1968 participa em Estrasburgo num curso sobre empresas jornalísticas e sociedades de redactores durante o qual conhece e se torna amigo de outra importante figura da imprensa europeia, Juan Luis Cebrían, futuro fundador do diário espanhol *El País*. Os

dois passarão por Paris durante as barricadas e manifestações de Maio de 68 e presenciarão essas três semanas que abalaram o mundo. Conforme relatou em tempos ao autor destas linhas, enviou serviço de reportagem para o *Diário Popular*, todo cortado pela censura até à última palavra...

Vicente Jorge Silva, jornalista que, a partir de 1977, desempenhará um papel importante no desenvolvimento do *Expresso*, nomeadamente da Revista, um marco na imprensa portuguesa, fez a mais perfeita das sínteses sobre Balsemão: «tinha alma de jornalista. As contradições que sentirá ao longo da sua carreira, tanto como jornalista como enquanto político, têm a ver com isso» (citado por Joaquim Vieira no livro *Francisco Pinto Balsemão: o Patrão dos Media que foi Primeiro-Ministro*, Lisboa: Editorial Planeta, 2017).

É no *Diário Popular* (1964/71) que começa a conhecer os meandros do jornalismo e da gestão de *media*, saberes que aplicará posteriormente na fundação do *Expresso* em 1973. Tomará também contacto com as arbitrariedades da censura e as pressões da polícia política, a Pide, onde é interrogado duas vezes, depois de assumir a responsabilidade por um artigo de Mário Ventura Henriques. Como conta nas suas *Memórias*, publicadas em 2021 (Porto Editora), «saí dali [da António Maria Cardoso] já passava muito da meia-noite, depois de ouvir uma série de advertências e ameaças, cheio de fome e preocupado porque a família e amigos nada sabiam de mim. Nessa ocasião — e nunca me esqueci disso — imaginei o que sentiriam os que iam mesmo para Caxias e o sofrimento dos seu entes mais próximos».